Globethics Repository



Tem a política algum sentido? [It has the political sense?]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Cleir Silva Bernardes, Clinger
Publisher	UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-17 18:03:35
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234603

Revista Ética & Filosofia Política (Volume 9, Número 1, junho/2006)

Tem a política algum sentido?

Clinger Cleir Silva Bernardes(1)

> *"Para muitos Hiroshima não significa nada: nada de doloroso, de triste, de inadmissível, de ameaçador. Nada, absolutamente nada, pois não passou do título de um filme (refiro-me aqui a "Hiroshima mon Amour") onde não se viu de maneira explícita as 70.000 pessoas mortas e soterradas nos escombros, a destruição de milhões de metros quadrados de espaço vital, as pessoas queimadas pela irradiação do fogo, sufocadas pela fumaça radioativa, intoxicadas pelas conseqüências da radioatividade, contaminadas pelas epidemias. Sim, no filme não se viu a gente massacrada, os edifícios destruídos, a natureza degradada.*
>
> *Por que não se viu? Falta de imaginação? Ou falta daquele sentido de solidariedade humana que está acima das fronteiras nacionais, dos agrupamentos sociais, dos partidos políticos e que é o próprio fundamento da vida moral. [...] Pois isso é o que se pode dizer sobre a necessidade de uma tomada de consciência com relação às ameaças de uma catástrofe atômica, de uma guerra termo nuclear.* ***O resto é política****." (*MARTINS, 1996, P. 124, **grifo nosso***)*

O trecho acima evoca o pano de fundo em que está inserida a pergunta provocadora de Hannah Arendt: ***Tem a política algum sentido***? Que se apresenta diante de experiências com formas de governo totalitárias, onde a vida humana foi politizada por completo, negando a premissa política da liberdade, tão evocada pelos habitantes da polis, inventores deste conceito. Diante ainda do monstruoso desenvolvimento dos meios de destruição, cada vez mais eficazes e práticos (o caminhão de gás(2) e a bomba atômica que o digam) e cada vez mais privilégio dos detentores do poder.

A questão arenditiana se torna pertinente, pois o objetivo da política passa para a questão da sobrevivência da humanidade, torna-se uma questão de necessidade de conservação da vida, e a necessidade por si só nega a liberdade. O que se viu em Auschwitz, no entender de Hannah Arendt, não foi a personificação e ação do mal em meio ao mundo, mas sim um jogo de questões políticas que foram definidas no campo da política. O mal na verdade se tornou um fato banal, aja visto o subtítulo da Obra "*Eichmann em Jerusalém*" – Um relato sobre a banalidade do mal. A constatação de Hannah é afirmada por Foucault (1998, p. 134):

> "Por milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política, o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente"

Dentro deste pano de fundo é que Hannah Arendt formula sua questão, onde a política se apropria da força, ela que devia proteger a vida e a liberdade, passa agora a ser grande ameaça à vida e a liberdade.

Historicamente muito se formulou em torno da política, para Hannah ela teria surgido no julgamento de Sócrates onde a *polis* condena o filósofo e seria o modo fundamental pelo qual exprimimos o nosso caráter distintivo enquanto seres humanos, mas depois tendeu a filosofia política para uma certa aversão à própria política, fato confirmado pela história filosófica.

Posto que para os filósofos cristãos medievais a política é percebida como resultado da ação pecaminosa do homem; para Hobbes resulta de um pacto motivado pelo cálculo racional diante do temor da morte, visando a conservação da vida; para Nietzsche é algo que deveria ser elaborado de forma que só os espíritos medíocres se preocupassem com ela; para Hegel a política seria o palco da manifestação das figuras do espírito absoluto; para Marx é algo que garante a a exploração econômica dos detentores do poder; para Freud, seria fruto do medo de conviver na sociedade. Assim foi sendo a política hostilizada pela filosofia de maneira que esta correspondia ao agir enquanto a filosofia se preocupou com o pensar.

Mas Hannah aponta a saída ao perceber na política não um saber que deve tender a algo, chegar a um objetivo, (seja ele a paz ou a guerra), mas sim um instrumental para a mudança, conservação ou fundação do mundo, a preocupação com à vida deve ser deixada para outros campos do conhecimento e ação humanas, pois onde há a preocupação com a vida, não é possível de existir a política, mas sim uma pré-política. Se preocupar-se com a vida passa a ser uma necessidade para a sobrevivência, inclusive política, é de se questionar se o melhor é estar sobre o domínio da necessidade ou da força, sendo que na primeira somos escravos, na segunda ainda nos resta a opção de sermos revoltosos. Para os valores cristãos a vida deve ser o bem supremo, e não há problema nisso, para a política porém a preocupação deve ser com o mundo. A política diferente da religião, da história ou da economia, deve trabalhar com a pluralidade humana preservando a igualdade cívica, e o melhor modelo que se tem disso é o modelo inicial da pólis Grega, que para o bem do mundo (ou dos jovens atenienses) mata o indivíduo (Sócrates).

Rememorando a epígrafe deste texto, onde o autor Antonio Henrique Campolina Martins, trata da questão de Hiroshima, vergonhosa página da história humana, percebemos que ele tem muita razão ao mostrar que a crise com relação aos valores humanos e ao grande valor da vida é na verdade uma crise, uma derrota, da consciência individual, à política cabe discutir as causas, os efeitos, sem contudo valorá-los, cabe a política julgar muito imparcialmente, longe de qualquer necessidade, inclusive da de vingança. A política deve pensar no mundo, se esta recai no campo da necessidade, proclamaremos guerras de cunho político baseadas na necessidade de por um fim ao terrorismo da Al-Qaeda, ou de proclamar uma liberdade palestina, ou uma soberania judaica, ou a soberania do povo Iraquiano,... sem contudo salvaguardar o mundo, casa de todos.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém* – um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FELÍCIO, C. B. F. *É possível reabilitar o sentido da Política? Em torno do legado de Hannah Arendt*. Fragmentos Culturais. Goiânia. V. 13, Especial, p. 167-183, out. 2003.

MARTNS, A. H. C. Tributo a Hiroshima. In: *Ética e Filosofia Política*.Juiz de Fora, V.1, n. 1, jul. / dez., 1996.

Notas

(1) Graduado em Filosofia pela UFJF, Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UFJF.

(2) Segundo lembra ARENDT, em sua obra *Eichmann em Jerusalém*, os nazistas utilizavam um caminhão onde eram colocados os Judeus, e no decorrer do caminho para as imensas valas onde eram depositados os corpos liberavam no compartimento de carga um gás letal, juntando transporte e execução de prisioneiros, dispensando a construção de mais câmaras de gases e otimizando o serviço na “Solução Final” da questão judaica.